



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

DÉBORA RAYSSA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**O RECURSO DA DANÇA NO CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL NO
BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Brasília - DF
2021

DÉBORA RAYSSA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**O RECURSO DA DANÇA NO CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL NO
BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília –
Faculdade de Ceilândia como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

Prof. (a). Dra. Ioneide de Oliveira Campos

Brasília
2021

DÉBORA RAYSSA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**O RECURSO DA DANÇA NO CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL NO
BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA (Data: 13/05/2021)

Profª Dra. Ioneide de Oliveira Campos

(Orientadora – Membro Interno – Terapia Ocupacional UnB - FCE)

Profª Dra. Vanina Tereza Barbosa

(Membro Interno – Terapia Ocupacional UnB - FCE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir concluir mais uma etapa da minha vida, por Ele sempre me acompanhar e me abençoar ao longo de toda a caminhada permitindo que eu chegasse até aqui.

A toda minha família, em especial aos meus pais Maria de Jesus Silva de Araújo e Vicente de Paulo Gomes de Oliveira que sempre me apoiaram, me incentivaram e fizeram o possível e o impossível para me proporcionar uma vida melhor e uma educação de qualidade.

Agradeço às minhas amigas de curso, que levarei para toda a vida, Bárbara Decarli, Gessica Farias, Isa Rouver, Isabella Tavares, Gabrielle Rodrigues e Ana Beatriz por estarem sempre ao meu lado, me apoiando e ajudando durante toda trajetória, sem vocês tudo seria mais difícil.

A todos os professores que contribuíram para que eu chegasse até aqui, por me ensinarem sobre a Terapia Ocupacional e por sempre estarem presentes e disponíveis a ajudar. Em especial a minha orientadora Ioneide Campos, que aceitou embarcar nesse tema junto a mim e me auxiliou durante todo o processo.

A todos os meus amigos de vida e ao meu namorado, que sempre me ajudaram e não me deixaram desistir, sonharam meus sonhos comigo e me fizeram acreditar que sou capaz.

A todos a minha eterna gratidão.

RESUMO

Introdução: O modelo de saúde mental presente na atualidade é decorrente da Reforma Psiquiátrica da década de 70, em curso, que consistiu na mudança do modelo não humanizado e violento da época, para uma atenção mais psicossocial e territorial, intitulado de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Dentre as atividades ofertadas por este, os grupos e oficinas utilizam diversos recursos de cuidado, tais como, oficinas de música, dança, arte, atividades manuais, terapia comunitária, atendimentos individuais, acompanhamento psiquiátrico, entre outros. **Objetivo:** analisar a produção do conhecimento acerca das experiências e pesquisas sobre como atuam os grupos de dança e saúde mental no Brasil: quais os objetivos, os métodos de pesquisa, quem são os profissionais que coordenam esses grupos e quais os resultados. **Método:** uma revisão da literatura, de cunho exploratório. Foram considerados os seguintes critérios para a realização deste estudo: importância da temática, a falta de estudos acerca do tema e explorar a dança como recurso. A revisão foi realizada nas bases de dados: Portal de Periódicos do CAPES/MEC, DOAJ, PubMed, SciELO e LILACS, com restrições de ano. Os descritores utilizados foram: “dança”, “saúde mental” e “terapia”. A análise dos dados consistiu na leitura na íntegra dos artigos selecionados, síntese inicial e organização dos dados brutos. **Resultados:** foram encontrados 1987 artigos, no qual 1980 foram excluídos e 7 foram selecionados para a realização do trabalho. As seguintes categorias foram analisadas: Os grupos expressivos enquanto espaço de potência para o usuário; e Oficinas de dança e a clínica de Saúde Mental: Encontro entre usuários e trabalhadores. **Considerações Finais:** Este estudo possibilitou observar a influência que as oficinas de dança têm no tratamento de pessoas em sofrimento psíquico, sendo não apenas um grupo terapêutico, mas também uma ocupação na rotina dos mesmos. Notou-se também a escassez de estudos sobre o tema, sugerindo então a realização de novos estudos.

Palavras-chave: Dança; Saúde Mental; grupos; interprofissional.

ABSTRACT

Introduction: The current mental health model role is due to of the Psychiatric Reform from the 70's, in course, which consisted of the change of the non-humanized and violent model of the time, for a more psychosocial and territorial attention, entitled Psychosocial Care Center (CAPS). Among the activities offered by it, groups and workshops use several care resources, such as music workshops, dance, art, different activities options, community therapy, individual care, psychiatric follow-up, and many others. **Goals:** This article aims at analyzing the production of knowledge about the experiences and researching on how dance groups work and mental health is held in Brazil: what the objectives come to be, the research methods, who are the professionals who coordinate these groups and what the results show. **Method:** an exploratory literature review. The following criteria was taken into consideration in order for this study to be carried out: the importance of the theme, the lack of studies on the topic and the exploration of dance as a resource. The review was carried out in the databases: Portal of Periodicals of CAPES / MEC, DOAJ, PubMed, SciElo and LILACS, with year restrictions. The descriptors used were: “dance”, “mental health” and “therapy”. The data analysis consisted of the selected articles full-reading, initial synthesis and organization of the raw data. **Results:** 1987 articles were found, in which 1980 were excluded and 7 were selected to carry out the work. In the following categories, were analyzed: Expressive groups as a space of power for the user; and Dance workshops and the Mental Health clinic: Meeting among users and workers. **Final Considerations:** This study made it possible to observe the influence that dance workshops have on the treatment of people in psychological distress, being not only a therapeutic group, but also an occupation in their routine. It was also noted the scarcity of studies on the theme, suggesting then the realization of new studies.

Keywords: Dance; Mental health; groups; interprofessional.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Marcos na história da reforma psiquiátrica no Brasil

Tabela 2 Autores/ profissionais, instituições-vínculos dos mesmos e ano de publicação de cada artigo selecionado

Tabela 3 Objetivos de cada artigo, os métodos de pesquisa utilizados e resultados obtidos nos mesmos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS	11
	2.1 Objetivo Geral	11
	2.2 Objetivos Específicos	11
3	MÉTODO	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
	4.1. Os grupos expressivos enquanto espaço de potência para o usuário	16
	4.2 Oficinas de dança e a clínica de Saúde Mental: Encontro entre usuários e trabalhadores confiança	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6	REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

As transformações da assistência psiquiátrica no mundo foram importantes intervenções com a finalidade de redirecionar o modelo hospitalar para um cuidado em saúde territorializado. Aqui no Brasil, essa transformação da assistência, intitulou-se de Reforma Psiquiátrica, entendida como um movimento social, político e econômico que aconteceu em meados da década de 70, quando os profissionais da área da saúde encontraram, nos ambientes de saúde mental, locais em condições precárias, desumanas e violentas que permeavam a assistência psiquiátrica (AMARANTE e NUNES, 2018). Para esses autores, o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) foi o primeiro grupo que tinha como intuito modificar o modelo asilar existente na época, lutando em prol dos direitos humanos.

O MTSM contribuiu expressivamente para o surgimento da Reforma psiquiátrica, pois foi o primeiro grupo a lutar pela participação em Congressos e movimentos a favor da reestruturação do modelo psiquiátrico (AMARANTE e NUNES, 2018). Para estes autores, a organização das Comissões, Congressos e Conferências de Saúde Mental tornou possível a participação da população na construção de políticas públicas de saúde. Logo, o movimento pela saúde universal foi gestado juntamente com o movimento antimanicomial (AMARANTE e NUNES, 2018).

Com isso, a luta era por novos serviços, estratégias, conceitos em saúde mental e mudança nas maneiras de cuidado com o paciente, como a universalização do atendimento, a descentralização das decisões, a regionalização da assistência e a integração e hierarquização dos serviços (ALMEIDA e CAMPOS, 2019).

Amarantes e Nunes (2018) enfatizaram que o movimento ganhou uma proporção política e social importante, como por exemplo, alguns eventos realizados, com o intuito de impulsionar a luta pela cidadania e contribuir para a inclusão social das pessoas em sofrimento mental. Dentre as contribuições da Reforma Psiquiátrica, podemos citar as mudanças políticas, a incorporação de alguns termos como “desinstitucionalização” e “atenção psicossocial”, cuidado em saúde mental, reabilitação psicossocial. Não iremos discorrer sobre todos esses termos, mas enfatizar a criação de políticas públicas e leis (APENDICE 1) que regulamentam os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e a criação da Política Nacional de Saúde Mental, na qual visa um modelo

humanizado. A Lei 10.216, foi um dos marcos expressivos para a luta antimanicomial, mas anterior a isso, tem a (re) construção do cuidado em saúde mental, por meio da criação e organização dos serviços de saúde mental, intitulados de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), criados pela portaria nº 336/2002, seguindo os princípios de cidadania, cuidado e território.

Os CAPS são serviços públicos de saúde integral e multiprofissional oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), aberto para tratamento de pessoas em sofrimento psíquico. Esses centros ofertam diversos tipos de atividades terapêuticas intermediadas por uma equipe multiprofissional responsável por psicoterapia individual ou em grupo, acolhimento, oficinas terapêuticas, atividades comunitárias, atividades artísticas, orientação e acompanhamento do uso de medicação, atendimento domiciliar e aos familiares (BRASIL, 2004). O cotidiano institucional passou a ser organizado em torno de propostas que incluíam desde atividades expressivas e artísticas até o trabalho produtivo (LIMA, 2004).

Dentre as atividades terapêuticas, ressaltamos as oficinas, entendidas como atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários; os vários tipos de atividades podem ser definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, das necessidades, tendo em vista a inclusão social, a integração familiar, a expressão de sentimentos, o desenvolvimento de habilidades corporais e a realização de atividades produtivas (Brasil, 2004). Um dispositivo quase sempre experimental que é essencialmente construído no cotidiano por paciente e técnicos e assumem um lugar na engrenagem cotidiana dos serviços de saúde mental, enquanto um lugar de criação de novas formas de relacionamento, novos espaços existenciais (COSTA e FIQUEIREDO, 2008). “É nesses espaços que se engendram, se experimentam, se criam novas formas de se relacionar, novos espaços para existir, novos modos de ser” (LIMA, 2004, p. 10).

Na perspectiva das atividades corporais, a dança é uma das formas de comunicação não verbal do ser vivo em sua relação com os outros seres (GRISANTE e BURGO, 2014). A dança proporciona uma ampla consciência corporal em relação ao mundo e às coisas que evoluem com a prática da dança, desenvolvendo a criatividade, a liderança e a exteriorização dos seus sentimentos (CAVASIN e FISCHER, 2003), reforçando a importância dos espaços grupais e ampliação o universo de relações por meio de

atividades grupais, sua circulação social e grupo de pertinência (LIMA, 2004). Para Castro (2006),

A dança, as abordagens corporais e as atividades artísticas atuam nesse contexto como uma outra forma de dizer da condição humana, de apresentar um compromisso real com a existência, de promover trocas sociais e de romper com a cultura do isolamento e da invalidação dos sujeitos (p.241).

O estudo realizado por Lima e Guimarães (2014), sobre uma oficina terapêutica de dança em um CAPS II na Bahia, cujo objetivo era descrever os efeitos observados na oficina de dança, fornecendo subsídios sobre a importância terapêutica do Dançar. Com base na observação participante assim como, pela habilidade de ouvir os relatos de usuários, familiares e técnicos do serviço associados com os relatos de experiência desses no contexto das práticas do dançar, o estudo demonstrou que os pacientes tiveram melhora da autoestima, autoimagem, ritmo musical, coordenação motora, lateralidade, diminuição de medos e exteriorização de emoções e adesão aos tratamentos rotineiros e complementares.

Outro estudo proposto por Marba et al (2016) ficou compreensível a relação que a prática da dança tem com a saúde, tanto física quanto mental. Esse estudo teve por objetivo retratar os efeitos de um programa de dança em pessoas com doença mental e deficiência intelectual por meio da observação. Os resultados apontaram que a dança impacta na saúde física, traz sentimento de prazer e bem-estar, autoestima, habilidades de interação social, comunicação, autodeterminação, autoconfiança, além da disposição para atividades do cotidiano, força muscular diminuição do risco de doenças cardiovasculares e sedentarismo, levando a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida dos praticantes.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi o de analisar a produção de conhecimento acerca das experiências e pesquisas sobre os grupos de dança e saúde mental no Brasil: quais os objetivos, os métodos de pesquisa, quem são os profissionais que coordenam esses grupos e quais os resultados.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Analisar a produção de conhecimento acerca das experiências e pesquisas sobre os grupos de dança e saúde mental no Brasil

2.2 Objetivos específicos:

- Caracterizar os estudos quanto aos: os principais objetivos; os profissionais envolvidos; os métodos de pesquisa; os principais resultados;
- Identificar as contribuições das oficinas de dança para o cuidado em saúde mental de pessoas em sofrimento psíquico.

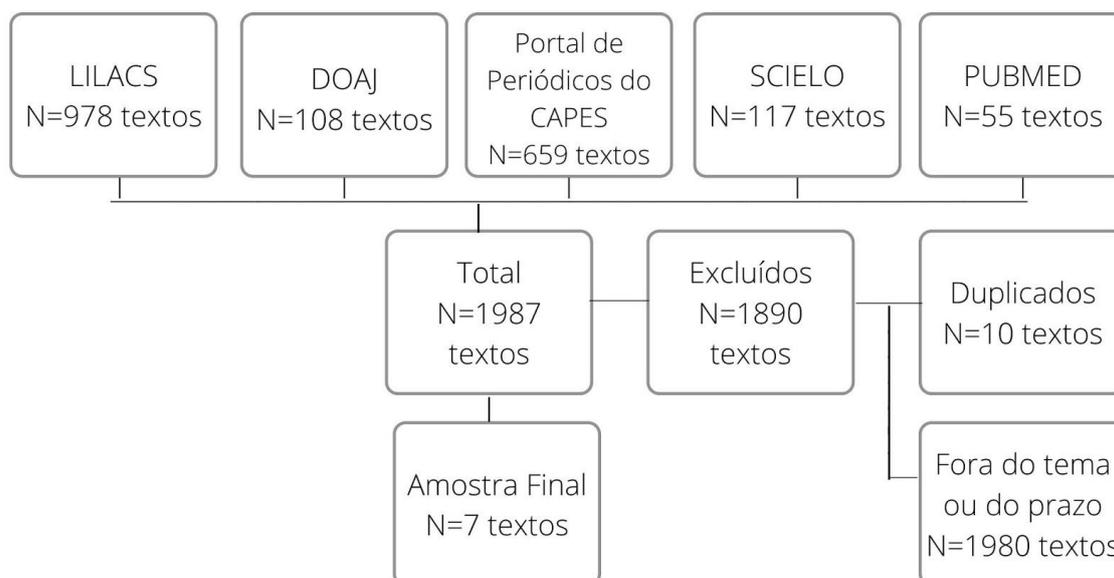
3. MÉTODO

Trata-se de uma revisão da literatura, com objetivo de sintetizar resultados obtidos a partir de pesquisas sobre um tema ou questão específica, ordenando as informações encontradas (POMPEO et al, 2009).

As bases de dados utilizadas para a realização da pesquisa foram Portal de Periódicos do CAPES, Scielo, LILACS, DOAJ e PubMed no mês de Junho de 2020. Os descritores escolhidos para nortear a pesquisa foram “Dança”, “Saúde Mental” e “Terapia”, sendo também utilizado o operador booleano AND com o intuito de obter apenas estudos que apresentem todas as palavras chaves.

Os critérios de inclusão foram textos publicados nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola, textos publicados em periódicos, artigos que informassem sobre atuação do recurso da dança na saúde mental e artigos publicados nos últimos 5 anos, visando obter dados mais recentes e atualizados sobre o tema.

Já os critérios de exclusão foram artigos teóricos de revisão e literatura cinzenta (livros, capítulos de livros e anais de congresso) e artigos que tratam da temática dos grupos no geral, nos serviços de saúde mental.



A seleção dos artigos foi realizada por meio da leitura dos títulos, resumos e revisão das conclusões dos artigos encontrados, com o propósito de selecionar aqueles que contenham as informações chaves e relevantes para o estudo. Os dados encontrados foram posicionados em planilhas e após a coleta, foi feita uma análise dos conhecimentos adquiridos a partir dos estudos selecionados.

Com os dados já organizados realizou-se a análise crítica dos mesmos, por meio da leitura completa dos artigos selecionados marcando as partes mais relevantes para serem discutidas posteriormente e, elaboradas duas tabelas com as informações (título, autor, instituição-vínculo, ano da publicação, objetivos, métodos e resultados) de cada estudo. O objetivo dessa etapa foi verificar a qualidade metodológica, a importância das informações e a veracidade das informações para a integridade científica do estudo (POMPEO et al, 2009).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa resultou em 1987 estudos, 10 deles estavam duplicados e 1877 foram excluídos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Com isso, restaram 7 artigos que constituíram a amostra final de estudos para a análise. Foram analisados os objetivos dos estudos, os métodos de pesquisa realizados e quem são os profissionais que coordenam esses grupos e seus resultados.

A tabela 2 diz respeito aos autores/ profissionais, instituições-vínculos dos mesmos e ano de publicação de cada artigo selecionado. De acordo com essa tabela é possível perceber que os artigos selecionados foram, em grande maioria, desenvolvidos em universidades públicas.

Fazendo referência aos 17 autores dos artigos, observa-se que todos são profissionais da área da saúde, sendo esses enfermeiros, psicólogos, psicoterapeutas, fisioterapeuta, sanitaristas e terapeutas ocupacionais. Desses, apenas 6 são Terapeutas Ocupacionais, indicando assim que existe uma escassez de estudos sobre o tema produzido por esses profissionais, mas pode-se dizer que o dispositivo grupal com seus diferentes recursos, considerando a dança, faz parte da clínica da terapia ocupacional na saúde mental (MAXIMINO e LIBERMAN, 2015).

TABELA 2

Título	Instituições-vínculo	Autor
Das inquietações ao movimento: um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a clínica e uma dança.	Universidade Estadual de Campinas.	Reis, B. M., Liberman, F., & Carvalho, S. R. (2017).
Ensaio uma clínica do chão: cartografando a Saúde mental na Atenção Básica em interface com a dança.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).	Barone, L. R., & Paulon, S. M. (2019).
A Influência da Dança do Ventre nos sintomas depressivos em idosas da comunidade.	Faculdade Anhanguera de Campinas.	Hoyer, B. P. B., Teodoro, V. J. R., & de Melo Borges, S. (2015).
MARGINALIDADE: HABITANDO O “ENTRE” NA INTERFACE DAS ARTES E DA SAÚDE.	Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, Brasil. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).	Silva, J. A., & de Araújo Lima, E. M. F. (2016).
Oficinas de Dança Contemporânea: Um Convite à Reinvenção das Práticas.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).	Moehlecke, V., & Fonseca, T. M. G. (2016).
Dançaterapia no autismo: um estudo de caso	Departamento de Educação em Saúde da Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão (SE) – Brasil.	Teixeira-Machado, L. (2015).
O SIGNIFICADO DAS ATIVIDADES GRUPAIS PARA USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.	Universidade do Estado do Pará, UEPA, Belém, Brasil.	Castro, G. G. A., de Souza, A. M., & Corrêa, V. A. C. (2017).

A tabela 3 exibe os objetivos de cada artigo, os métodos de pesquisa utilizados e resultados obtidos nos mesmos.

Sobre os objetivos dos artigos selecionados, a maioria buscou mostrar as possíveis repercussões que a dança apresenta tanto nas pessoas em sofrimento psíquico, quanto nos espaços onde estas estão inseridas.

Dentre os artigos selecionados, 1 deles se trata de um relato de experiência, 2 estudos cartográficos, 1 análise de experiência, 1 pesquisa qualitativa, 1 estudo de caso e 1 ensaio clínico randomizado “cego”, todos realizados no Brasil.

TABELA 3

Título	Objetivos	Métodos	Resultados
Das inquietações ao movimento: um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a clínica e uma dança.	Este artigo discute uma experiência desenvolvida em um CAPS, abordando aspectos do trabalho cotidiano em um Serviço de Saúde Mental, esboçando uma prática que cria uma estratégia de cuidado de si e do outro a partir da reinvenção da prática clínica permeada pela dança. Discorre sobre uma intervenção grupal que se propunha a explorar a experimentação do corpo em movimento no CAPS III Antônio da Costa Santos (CAPS Toninho), na cidade de Campinas – SP, entre os anos de 2009 a 2012.	Análise de experiência.	Afirma que a prática da dança é um dispositivo que permite um contratempo ao ritmo acelerado do serviço, sendo um espaço que torna os corpos mais receptivos aos encontros.
Ensaio uma clínica do chão: cartografando a Saúde mental na Atenção Básica em interface com a dança.	O artigo compartilha passos de uma pesquisa que, ao tomar a dança como intercessora, trouxe a clínica em Saúde Mental na Atenção Básica à cena. Em uma Unidade de Saúde da Família, a clínica em Saúde Mental é desestabilizada e convidada a dançar. Uma psicóloga-bailarina-pesquisadora desperta a sensibilidade do corpo para problematizar a clínica a partir de suas experimentações dançantes	Cartografia.	Uma clínica atual é justamente aquela que toma o tempo e a possibilidade de compor novos ritmos, movendo, aumentando a fluência e produzindo respostas singulares diante das fraturas, aberturas que a realidade nos coloca, transformando o presente. A transversalidade entre os campos da arte e da clínica é capaz de produzir ressonâncias e inventar novos modos de clinicar e proliferar.

<p>A Influência da Dança do Ventrinho nos sintomas depressivos em idosas da comunidade.</p>	<p>O estudo pretende observar as repercussões da DV nos sintomas depressivos em idosas da comunidade, a fim de avaliar de que maneira a introdução de um tipo de estímulo físico, psíquico, e social, realizado por meio da dança, pode ou não trazer benefícios.</p>	<p>Ensaio clínico randomizado “cego”.</p>	<p>A DV influenciou positivamente o relato de sintomas depressivos em idosas sedentárias usuárias de centros de convivência; sendo assim, pode ser uma possibilidade de tratamento não farmacológico para mulheres com sintomas depressivos, bem como para a manutenção do estado de humor na população envelhecida.</p>
<p>MARGINALIDADE: HABITANDO O “ENTRE” NA INTERFACE DAS ARTES E DA SAÚDE.</p>	<p>Este artigo é um extrato da pesquisa de mestrado “Poéticas e Marginalidade: experiência no Projeto Cidadãos Cantantes”. A pesquisa foi uma cartografia da experiência neste projeto existente desde 1992, composto por uma oficina de Coral Cênico e uma oficina de Dança e Expressão Corporal, que habita a zona de fronteira entre as artes e a saúde, principalmente a saúde mental.</p>	<p>Cartografia.</p>	<p>Como resultado, pode-se compreender a marginalidade como um lugar potente para que os corpos e os grupos tracem suas linhas de fuga.</p>
<p>Oficinas de Dança Contemporânea: Um Convite à Reinvenção das Práticas.</p>	<p>Esse trabalho aborda uma intervenção realizada em um CAPS, por meio de uma Oficina de Dança Contemporânea. Discutimos o quanto a Reforma Psiquiátrica propõe a transformação dos modos de cuidado e de novas produções de saúde e cidadania. No CAPS, a Oficina de Dança ocorre há quatro anos.</p>	<p>Relato de experiência.</p>	<p>Entendemos que tal prática é permeada por uma clínica que se abre ao sensível e às expressões do corpo e de um grupo, para produzir novos sentidos a uma experiência singular.</p>
<p>Danças e Danças no autismo: um estudo de caso</p>	<p>O estudo visou observar os efeitos da dança-terapia no desempenho motor e gestual, no equilíbrio corporal e na marcha, bem como na qualidade de vida de um adolescente com autismo.</p>	<p>Estudo de caso.</p>	<p>A dança-terapia favoreceu o desempenho motor e gestual, inclusive no equilíbrio corporal e na marcha. Além disso, contribuiu para melhora da qualidade de vida do adolescente com espectro autista.</p>
<p>O SIGNIFICADO DAS ATIVIDADES</p>	<p>Buscou-se compreender o significado das atividades de</p>	<p>Pesquisa qualitativa.</p>	<p>O estudo permitiu refletir sobre as atividades de</p>

GRUPAIS USUÁRIOS CENTRO ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.	PARA DE UM DE	grupo para os usuários de um CAPS, baseado na perspectiva da Ciência Ocupacional.	grupo realizadas pelos participantes do CAPS, enquanto ocupações significativas na vida dos pacientes.
--	------------------------------	---	--

Ainda como resultados será apresentado as seguintes categorias temáticas a serem discutidas: Os grupos expressivos enquanto espaço de potência para o usuário; e Oficinas de dança e a clínica de Saúde Mental: o encontro entre usuários e trabalhadores.

4.1. Os grupos expressivos enquanto espaço de potência para o usuário.

Nessa categoria serão abordadas as mudanças apresentadas no cotidiano dos usuários dos serviços de saúde mental que participam das oficinas de dança, os grupos como forma de ocupação e os benefícios físicos e psicológicos provenientes dos mesmos.

Os grupos expressivos enquanto um recurso potencializador do cuidado em saúde mental é uma discussão recorrente no contexto da reforma psiquiátrica, pois sugere a transformação dos modos de cuidado e de novas produções de saúde e cidadania (MOEHLECKE, VILENE e GALLI, 2011) e assim intervém no campo das relações da sociedade com a loucura, transformando-as.

Uma das grandes transformações no modo de cuidado da saúde mental foi a criação dos CAPS, local em que grupos e oficinas são realizados no cotidiano da clínica. Esses grupos se diferem dos outros grupos tanto pelo seu objetivo, que é o tratamento dos participantes, tanto pela presença de um profissional, que tem papel de mediador do grupo (CUNHA e SANTOS, 2010).

Considerando os artigos selecionados, as oficinas de dança trazem diversos benefícios quando praticada regularmente, sendo algum desses o desenvolvimento das habilidades sociais, do autoconhecimento e da autonomia, estimulação da criatividade, sensação de bem-estar, melhora nas relações interpessoais, melhora na capacidade física, diminuição de dores, diminuição do sentimento de solidão, diminuição da ansiedade, melhora no desempenho das atividades de vida diária e outros.

Para Moehlecke e Fonseca (2011), os usuários que participam de grupos de dança consideram o grupo como um espaço para expressar suas emoções e sentimentos sem julgamentos, uma forma de ocupar a mente e o tempo deixando os problemas de lado temporariamente, parte do tratamento e um complemento aos medicamentos, um lugar de aprendizagem e troca de experiências.

O termo “ocupação” é caracterizado como atividades cotidianas que têm algum significado ou propósito particular, no qual as pessoas fazem para ocupar o tempo, melhorando assim seu bem-estar, qualidade de vida e participação social. Com isso, pode-se afirmar que os grupos terapêuticos são uma ocupação para aqueles que estão neles inseridos (CASTRO et al, 2017).

Castro et al (2017) expõe também em seu estudo que os familiares de pessoas em sofrimento psíquico que frequentam oficinas de dança afirmam que estes grupos facilitam o cotidiano e o convívio com os mesmos, visto que tanto a comunicação quanto a forma como eles se expressam apresentam uma melhora significativa.

A Oficina de dança traz em cada um de seus encontros músicas e movimentos diferentes para o corpo, causando assim diversos sentimentos e sensações para o mesmo (CASTRO et al, 2017). Quando uma sensação ou sentimento é reconhecido e se aprende a lidar com ele, o autoconhecimento está sendo praticado.

Segundo Hoyer et al (2015) a prática da dança promove o autoconhecimento, que por sua vez é uma forma de cuidado com o corpo, pois quando se fala em cuidado do corpo nesse contexto, faz-se referência ao exercício de conhecer, se conectar e se apropriar do próprio corpo, reconhecendo suas sensações, limitações, desejos, expectativas e sentimentos. Entender o que se passa com o corpo facilita o modo de lidar com o mesmo e com seus sentimentos.

Essas sensações que a oficina de dança causa em seus participantes se tornam, então, uma potência de transformação da realidade dos mesmos e até mesmo daqueles que estão ao seu redor, como aborda o estudo de Silva e Araújo Lima (2016).

Uma das várias maneiras de cuidado com o corpo também são as atividades físicas, pois estas apresentam grandes melhoras na qualidade de vida e na capacidade física de quem as pratica. A dança é uma das várias atividades físicas que conhecemos, e esta, apresenta melhoras significativas em relação ao desempenho motor, ao equilíbrio, a marcha e outros assim como afirma o estudo de Teixeira-Machado (2015).

Em suma, foi possível perceber com clareza não apenas os benefícios que as oficinas de dança apresentam no modo de viver dos participantes, como também o grupo como local de segurança, conforto, liberdade, conhecimento, ocupação e tratamento.

4.2. Oficinas de dança e a clínica de Saúde Mental: Encontro entre usuários e trabalhadores.

A presente categoria aborda a influência que as oficinas de dança apresentam na relação profissional-usuário e no cotidiano e comportamento dos funcionários que atuam nos ambientes de saúde mental.

Os grupos terapêuticos e oficinas que acontecem nos espaços de saúde mental possibilitam um maior contato entre usuários e trabalhadores, sendo possível observar que os trabalhadores têm a oportunidade de conhecer e entender melhor os usuários daquele serviço e criar uma relação de confiança e acolhimento com os mesmos (BARONE e PAULON,2019). Isso pode influenciar de maneira positiva no tratamento dos usuários, visto que assim esses se sentem mais à vontade para falar de maneira mais aberta e completa sobre suas dificuldades, sentimentos ou limitações.

Os ambientes de saúde mental, como por exemplo o CAPS, apresentam uma grande demanda de pessoas que necessitam dos serviços, com isso, a rotina nesses espaços se torna acelerada fazendo com que os trabalhadores entrem em uma espécie de “modo automático”, no qual muitas vezes é seguido apenas o protocolo de forma rápida, deixando de lado a humanização e o olhar acolhedor (BARONE e PAULON,2019).

Essa rotina acelerada e que visa apenas a produtividade do serviço sobrecarrega os funcionários do local, que devem dar suporte e atenção aos usuários, lidar com situações difíceis que ocorrem ao longo do dia e realizar todas as outras obrigações que dizem respeito ao serviço (REIS et al,2017). Dessa forma, o cansaço físico e mental dos trabalhadores gera, nos mesmo, o cansaço emocional e a falha no autocuidado.

Barone e Paulon (2019) e Reis et al (2017) afirmam em seus estudos que para os funcionários que atuam nos ambientes de saúde mental, os grupos de dança também servem como um local para desacelerar daquela rotina acelerada do serviço, sendo um ambiente no qual é estimulado o olhar humanizado, a capacidade de escuta e de acolhimento, sendo possível observar situações e acontecimentos que fora do grupo poderiam passar sem ser percebidos.

Tanto para os funcionários quanto para usuários que participam das oficinas de dança nos ambientes de saúde mental, o grupo apresenta como uma característica a hospitalidade, o cuidado e acolhimento daqueles que ali estão, tornando-se não apenas um lugar de segurança como também um espaço de conforto para os mesmos.

Dessa maneira, é possível perceber que as oficinas de dança que acontecem nos ambientes de saúde mental têm influência positiva não apenas para os usuários, mas também para os funcionários e para o próprio local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da escassez de estudos sobre o tema do uso das oficinas de dança nos espaços de saúde mental, com a realização desse estudo foi possível conhecer o que se tem produzido sobre a temática de dança e saúde mental no Brasil.

Durante a realização deste estudo, observou-se os diversos benefícios que as oficinas de dança podem acarretar na vida dos participantes, como o desenvolvimento das habilidades sociais, estimulação da criatividade, melhora nas relações interpessoais, diminuição da ansiedade e outros.

Notou-se também a importância das intervenções grupais no acompanhamento de pessoas em sofrimento psíquico, dado que este é visto como um ambiente no qual os participantes constroem relações interpessoais, conhecem seu próprio corpo e entendem suas sensações e conseguem se expressar. Para os funcionários, as oficinas também são extremamente significativas, pois são um espaço importante de desaceleração da rotina, sendo também um espaço permeado pelo olhar humanizado, a capacidade de escuta e de acolhimento.

Ainda, os grupos também podem ser vistos como uma ocupação para os participantes, visto que além de fazer parte do dia a dia, é uma atividade que tem significado único na qual os mesmos se envolvem com ânimo e consideram importantes.

Sugere-se a realização de novos estudos e pesquisas sobre o assunto, principalmente pelos profissionais de Terapia Ocupacional, pois é um dos recursos importantes para a clínica da terapia ocupacional e se faz presente em quase todas as áreas de atuação desses profissionais.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabella Silva de; CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Análise sobre a constituição de uma rede de Saúde Mental em uma cidade de grande porte.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, p. 2715-2726, 2019.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios.** 2018.

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, p. 1-49, 2015.

BARONE, Luciana Rodriguez; PAULON, Simone Mainieri. **Ensaiando uma clínica do chão: cartografando a Saúde mental na Atenção Básica em interface com a dança.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 23, p. e180599, 2019.

BRAZIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial.** Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 336, de 19 de Fevereiro de 2002. Brasília, 2002.

BARROSO, Sabrina Martins; SILVA, Mônia Aparecida. **Reforma psiquiátrica brasileira: o caminho da desinstitucionalização pelo olhar da historiografia.** Revista da SPAGESP, v. 12, n. 1, p. 66-78, 2011.

CASTRO, Gisely Gabrieli Avelar et al. **Significado das atividades de grupo para usuários de um centro de atenção psicossocial/The meaning of group activities for users of a Psychosocial Care Center.** Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO, v. 1, n. 3, p. 332-352.

CAVASIN, Cátia Regina; FISCHER, Julianne. **A dança na aprendizagem.** Revista Leonardo Pós, n. 3, p. 1-8, 2003.

CASTRO, E. Dança, Corporeidade e Saúde Mental: Experimentações em Terapia Ocupacional. Em Arcuri, I. (org.), Arteterapia de Corpo e Alma. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COSTA, CM & FIGUEIREDO AC. Apresentação. In: COSTA, CM & FIGUEIREDO AC (orgs). Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.

CUNHA, Ana Cristina F.; DOS SANTOS, Thais Fernanda. **A utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da terapia ocupacional com clientes com transtornos psicóticos:** apontamentos bibliográficos. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 17, n. 2, 2010.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. **Revisão integrativa versus revisão sistemática.** Revista Mineira de Enfermagem, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

FERREIRA, Jhennipher Tortola et al. **Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS):** uma instituição de referência no atendimento à saúde mental. Rev. Saberes, Rolim de Moura, v. 4, n. 1, p. 72-86, 2016.

GRISANTE, Rogério Santos; BURGO, Ozilia Geraldini. **Expressão corporal:** uma reflexão pedagógica. UNICESUMAR, Maringá-Paraná-VII Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica, 2014.

HOYER, Bruna Perez Broadbent; TEODORO, Vanessa Jesus Rodrigues; DE MELO BORGES, Sheila. **A Influência da Dança do Ventre nos sintomas depressivos em idosos da comunidade.** Revista Kairós: Gerontologia, v. 18, n. 1, p. 277-288, 2015.

KODA, Mirna Yamazato; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **A reforma psiquiátrica e a constituição de práticas substitutivas em saúde mental:** uma leitura institucional sobre a experiência de um núcleo de atenção psicossocial. Cadernos de Saúde Pública, v. 23, p. 1455-1461, 2007.

LIBERATO, Mariana Tavares Cavalcanti; DIMENSTEIN, Magda. **Experimentações entre dança e saúde mental.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, n. 1, p. 163-176, 2009.

LIMA, Maristela Viana; GUIMARÃES, Samuel Macêdo. **Possibilidades terapêuticas do dançar.** Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 6, n. 14, p. 98-127, 2014.

- LIMA, Elizabeth Araújo. Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. **Oficinas terapêuticas em saúde mental: Sujeito, produção e cidadania**, p. 59-81, 2004.
- MAXIMINO, Viviane; LIBERMAN, Flavia. **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. 2015. p. 294-294.
- MARBÁ, Romolo Falcão; SILVA, Geusiane Soares da; GUIMARÃES, Thamara Barbosa. **Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida**. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v. 9, n. 1, 2016.
- MOEHLECKE, Vilene; FONSECA, Tania Mara Galli. **Oficinas de dança contemporânea: um convite à reinvenção das práticas**. Revista Subjetividades, v. 11, n. 4, p. 1547-1574, 2011.
- NUNES, Mônica de Oliveira et al. **Reforma e contrarreforma psiquiátrica: análise de uma crise sociopolítica e sanitária a nível nacional e regional**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, p. 4489-4498, 2019.
- POMPEO, Daniele Alcalá; ROSSI, Lúcia Aparecida; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem**. Acta paulista de enfermagem, v. 22, n. 4, p. 434-438, 2009.
- REIS, Bruna Martins; LIBERMAN, Flávia; CARVALHO, Sérgio Resende. **Das inquietações ao movimento: um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a clínica e uma dança**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 2017.
- SILVA, Juliana Araújo; DE ARAÚJO LIMA, Elizabeth Maria Freire. **Marginalidade: habitando o "entre" na interface das artes e da saúde**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 8, n. 20, p. 212-231, 2016.
- SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, MICHELLY Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.
- TEIXEIRA-MACHADO, Lavinia. **Danças e terapia no autismo: um estudo de caso**. Fisioterapia e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 205-211, 2015.

APÊNDICE 1

TABELA 1 – os principais marcos políticos e sociais da reforma psiquiátrica brasileira.

Eventos e principais portarias e leis	Ano	Objetivo
V Congresso Brasileiro de Psiquiatria	1978	Reconhecimento do MTSM .
I Simpósio Sobre Políticas Grupos de Instituições	1978	Reflexão e mobilização acerca do assunto.
Comissões de Saúde Mental	1978	Acompanhar atuações e condutas de profissionais.
I Congresso de Saúde Mental	1979	Ter um espaço para discussão e debate sobre a situação da saúde mental.
Portaria Interministerial nº 1369	1979	Busca promover a implantação do Sistema Nacional de Saúde, estabelecendo diretrizes para a atuação na área da saúde mental.
8ª Conferência Nacional de Saúde	1980	Modificar a forma como a sociedade participava da elaboração de políticas públicas.
I Conferência de Saúde Mental	1980	Apresentar conferências específicas sobre Saúde Mental.
Dia Nacional da Luta Antimanicomial	1987	Estimular o pensamento crítico sobre a exclusão das pessoas em sofrimento psíquico e a violência institucional da psiquiatria.
Primeiro Centro de Atenção Psicossocial	1987	Oferecer cuidado intensivo a pacientes que apresentam graves quadros psíquicos.

II Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental	1987	Trabalhadores incluem usuários e familiares, passando a se denominarem como Movimento Nacional de Luta Antimanicomial.
Projeto de Lei 3657/89	1989	Tinha como proposta a aniquilação dos manicômios no Brasil e a criação de uma rede de serviços de saúde mental.
Declaração de Caracas	1990	Documento que estabelece as reformas na atenção à saúde mental.
II Conferência Nacional de Saúde Mental	1992	Reafirmava as práticas da Reforma Psiquiátrica e da Atenção Psicossocial.
Promulgação da Lei 10216	2001	Lei da Reforma Psiquiátrica.
Portaria nº 336/GM/MS	2002	Regulamenta o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)
I Congresso Brasileiro de Saúde Mental	2008	Pretende promover debates sobre temas da Saúde Mental com foco nos princípios do SUS.
Portaria nº 3.088	2011	Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

FONTE: elaborado pelo pesquisador.